

MENÇÕES À TRADIÇÃO ERUDITA: O PAPEL DO PRECEDENTE NA CONCEPÇÃO ARQUITETÔNICA DE LUCIO COSTA

Mentions of erudite tradition: the role of precedent in Lucio Costa's architectural conception

RIOS, Cauê Martins¹, & ALVES, Taís Peixoto²

Resumo

Este artigo examina criteriosamente diversos textos publicados pelo arquiteto e urbanista Lucio Costa ao longo do tempo, nos quais se evidencia a referência à tradição erudita, com a finalidade de analisá-los criticamente. Para tanto, levantar-se-ão hipóteses que buscam clarificar o foco desta temática, centrada na compreensão das razões da tradição que justificam indícios do papel protagonista atribuído por Costa ao uso do precedente como fundamento de sua concepção arquitetônica. As resenhas aqui encetadas iniciam pela análise do marco teórico que acabou por fundamentar a arquitetura moderna no Brasil, intitulado “Razões da nova arquitetura”, de 1934. Os textos selecionados compreendem o período da década de trinta a cinquenta e seus conteúdos não esgotam o tema deste artigo, porém, representam uma importante mostra quanto ao foco aqui reverenciado, ou seja, verificar como se configura, no pensamento de Costa, o discurso que valida à opção operativa do arquiteto. É, portanto, no conjunto de argumentos introduzidos por Lucio Costa em sua obra escrita que se buscará interpretar as razões que levaram o mestre brasileiro a valorizar a tradição erudita de vertente clássica-acadêmica, e não a deixá-la de lado (ou a escondê-la), como o fizeram muitos arquitetos modernos. Esta última atitude acabou levando, ao menos no discurso mais superficial, à caracterização da arquitetura moderna como instrumento de ruptura com o passado: a condição de modernidade, neste caso, implicaria criar obras inéditas, fundamentadas em questões tecnológicas e pragmáticas das quais emanaria uma estética original – um estilo internacional – descolado de tempo e lugar. Diferentemente, Costa, como já foi mencionado, assume um papel singular nesse contexto da arquitetura moderna, precisamente por jamais se afastar do estudo explícito de precedentes enraizados tanto na produção erudita do passado como nas tradições populares a ela subjacentes.

¹ CAUÊ MARTINS RIOS – Universidade do Porto, PORTUGAL. Email: cauerios@hotmail.com

² TAÍS PEIXOTO ALVES – Universidade Federal de Santa Maria, BRASIL. Email: taispeixotoalves@hotmail.com

Abstract

This article carefully examines various texts published by the architect and urban planner Lucio Costa over time, in which reference to the erudite tradition is evident, intending to analyse them critically. To this end, hypotheses will be raised that seek to clarify the focus of this theme, centred on understanding the reasons for the tradition that justify indications of the leading role attributed by Costa to the use of precedent as the foundation of his architectural conception. The reviews here begin by analysing the theoretical framework that eventually founded modern architecture in Brazil, entitled "Razões da nova arquitetura" (Reasons for the new architecture), from 1934. The selected texts cover the period from the thirties to the fifties, and their contents do not exhaust the theme of this article, but they do represent an essential sample in terms of the focus revered here, that is, verifying how Costa's thinking shapes the discourse that validates the architect's operative option. It is, therefore, in the set of arguments introduced by Lucio Costa in his written work that we will seek to interpret the reasons that led the Brazilian master to value the classical-academic erudite tradition and not to leave it aside (or hide it), as many modern architects did. This latter attitude ended up leading, at least in the most superficial discourse, to the characterisation of modern architecture as an instrument for breaking with the past: the condition of modernity, in this case, would imply creating unprecedented works based on technological and pragmatic issues from which would emanate an original aesthetic - an international style - detached from time and place. In contrast, Costa, as has already been mentioned, takes on a unique role in this context of modern architecture precisely because he never shies away from the explicit study of precedents rooted both in the erudite production of the past and the popular traditions underlying it.

Palavras-chave: *Lúcio Costa; Arquitetura Moderna Brasileira; Teoria, história e crítica da arquitetura; Tradição erudita acadêmica; Fundamentos do Projeto Arquitetônico.*

Key-words: *Lúcio Costa; Brazilian Modern Architecture; Theory, history and criticism of architecture; Academic erudite tradition; Fundamentals of Architectural Project.*

Data de submissão: janeiro de 2024 | **Data de publicação:** março de 2024.

INTRODUÇÃO

O campo de estudo do presente artigo situa-se no âmbito dos escritos publicados pelo arquiteto e urbanista Lucio Costa (1902-1998), submetidos a uma leitura crítica que delimitará progressivamente o recorte temático o qual se refere o próprio título deste trabalho: o papel do precedente na concepção arquitetônica de Lucio Costa. A relevância da obra escrita do mestre brasileiro é amplamente reconhecida e sua escolha como objeto de estudo dispensa comentários: interessou desde o início a esta investigação a notável repercussão da fundamentação teórica nela proposta para a prática da arquitetura moderna no Brasil, a qual influenciou gerações de estudantes e profissionais de arquitetura, particularmente no momento pioneiro das primeiras realizações, marcadas por profundas incertezas e transformações na sociedade e na produção arquitetônica.

O conjunto de artigos sobre a arquitetura moderna legado por Lucio Costa tornou-se um marco no desenvolvimento do Movimento Moderno em terras brasileiras e consolidou sua posição como líder intelectual da introdução e afirmação da nova arquitetura (como então se dizia) no Brasil. Em seus escritos assume um papel singular e diferenciador a constante menção à tradição erudita e à tradição popular, apresentadas como parte de um mesmo fenômeno histórico. Lucio Costa reverencia o protagonismo, na produção arquitetônica, de precedentes advindos de qualquer uma dessas tradições, no sentido de criar elos e, assim, auxiliar harmoniosamente as transformações que estavam por vir. Tudo isso, sem rupturas drásticas, sem deixar de valorizar o que o homem do passado conquistou e que pode ser reaproveitado, para progredir em inexorável evolução.

Ao examinar as menções à tradição nos textos de Lucio Costa, constata-se a referência à arquitetura de tradição erudita e à arquitetura residencial de tradição popular, do período colonial, no papel do precedente na sua concepção arquitetônica. Para Costa, a arquitetura erudita se diferencia da arquitetura popular (ou vernacular) não por sua aparência em si, mas pela maneira com a qual cada uma foi concebida e construída. Na arquitetura erudita, seu processo de concepção e execução apresenta um conhecimento específico, que é empregado e adquirido por uma formação profissional e artística, acadêmica ou autodidata. A arquitetura é considerada popular ou vernacular quando produzida por leigos, ou seja, aqueles que não estudaram a disciplina “arquitetura”. É o caso dos próprios usuários e construtores que, empiricamente, executam suas obras.

Estas constatações estão na origem das preocupações intelectuais que motivaram a investigação que deu lugar à tese intitulada “Razões da Tradição: o papel do precedente na concepção arquitetônica de Lucio Costa”, pela autora deste artigo, Taís Alves, agora finalizada e que sugeriram o próprio foco deste artigo, isto é, a delimitação, no âmbito do pensamento teórico de Costa, da questão do precedente, para buscar as razões da tradição tal como por ele enunciadas em seus numerosos textos, ainda relativamente pouco analisados em seu conjunto, deslocando para segundo plano a sua obra arquitetônica, já estudada por muitos.

O foco do artigo, portanto, está nas razões que levam Costa a valorizar tanto a tradição, seguindo a mesma preocupação formativa de Guadet, e não propriamente como ele a usava em seus próprios projetos, embora as duas questões permaneçam interligadas. Para tanto, faz-se necessário esclarecer os conceitos relacionados à composição arquitetônica, por fazerem parte das categorias teóricas utilizadas por Costa, para melhor entendimento de sua obra escrita, baseados nas teses de Julien Guadet³, as quais presidiram a formação arquitetônica da geração de Lucio Costa. São esses os elementos de arquitetura, os elementos de composição e as regras de composição. Os elementos de arquitetura podem ser entendidos como os diversos componentes físicos que constituem os edifícios, tais como paredes, janelas, colunas, coberturas, entre outros. Nesses elementos, encontram-se as referências estilísticas (capitéis clássicos, arcos ogivais góticos, janelas coloniais e azulejos portugueses, entre outros).

Os elementos de composição constituem os volumes ou espaços que são configurados pela reunião de elementos de arquitetura (salas, salões, pórticos, naves, auditórios). Esses volumes podem ter dimensões e formas geométricas diversas. Guadet afirma que os elementos de arquitetura e de composição (elementos materiais e volumes espaciais) se aprendem pela simples observação dos diversos exemplos encontrados na história. Já com relação às regras para a composição desses volumes, verifica-se a necessidade de um esforço no sentido de se depreender a essência do conteúdo organizativo dos grandes exemplos de arquitetura do passado. Isso torna clara a sequência de três etapas que Guadet menciona no final do “Chapitre premier”: primeiro, é preciso conhecer os elementos de arquitetura; depois, os elementos de composição; finalmente, a

³ GUADET, Julien. *Éléments et théorie de l'architecture: cours professé à l'École nationale et spéciale des beaux-arts*. 4. éd. Paris: Librairie de la Construction Moderne [1909]. [4 v]: il. p.75-95.

própria composição. Segundo Guadet, para compreender perfeitamente precisa-se, de início, conhecer os componentes físicos isolados (paredes, portas, janelas, pilares, tetos, escadas); a seguir, devemos conhecer esses elementos montados em volumes com espaço interno (salas, corredores, salões); por fim, devemos vislumbrar como reunir esses volumes num todo, usando as regras de composição (sistemas de eixos, emprego de simetria, hierarquia na distribuição de volumes, sistemas de proporção e modulação, tectonicidade, entre outros).

Outro esclarecimento importante, que valoriza a argumentação desta temática e que antecede à elaboração deste artigo, são dois importantes trabalhos que serão destacados por apresentarem assertivas quanto às possíveis explicações relacionadas ao uso da tradição por Costa em sua prática projetual. Em 1954, no livro intitulado “Artigos e estudos de Costa”⁴, desenvolvido por acadêmicos da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, sob a orientação do professor de teoria da arquitetura dessa mesma instituição, Edgard Graeff, observa-se comentários provenientes deste grupo de pesquisa (imagina-se que seja um consenso compartilhado pelo professor e seus alunos, pois são todos autores), que Costa ao pesquisar o precedente, extrai da tradição erudita clássica regras compositivas para conceber os seus projetos e as associa as novas tecnologias, assim como ao contexto brasileiro.

Posteriormente, verificar-se-á, por exemplo, na tese de doutorado de Carlos Eduardo Dias Comas⁵, ao analisar os projetos arquitetônicos de Costa, uma retomada das incipientes colocações dessa publicação de 1954, em que o autor, ao expressar essa mesma ideia, acrescentará a influência dos conceitos de Guadet sobre Costa, devido à sua formação acadêmica, ou seja, enfatizará que Costa extrai do precedente de tradição erudita clássica as regras compositivas, e do precedente de tradição popular colonial brasileira os elementos de arquitetura e de composição, ambas vinculadas aos novos preceitos e tecnologias advindas do movimento moderno.

Das leituras acima e outras pesquisas bibliográficas realizadas que abrangem este tema, contudo, ficou o seguinte questionamento: se o foco deste artigo é o papel do

⁴ CENTRO DE ESTUDOS DE TEORIA DE ARQUITETURA. Artigos e estudos de Lucio Costa. Porto Alegre: UFRGS, 1954. 90p.

⁵ COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões Brasileiras: Sobre um Passado da Arquitetura e Urbanismo Modernos a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MAM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & cia., 1936-45*. Tese de doutorado. Paris: Université de Paris VIII, 2002.

precedente na concepção arquitetônica de Costa, mais especificamente, como ele se enuncia em sua obra escrita? É possível buscar nessas teses antes abordadas evidências do enraizamento direto desta noção em seu pensamento, já que ambos os autores referidos anteriormente estavam abordando, como foco principal, obras projetuais de Costa e não os seus textos publicados, ou cabe ir além na releitura das publicações?

Portanto, a pergunta inicial foi a seguinte: como Costa aborda em seus textos a referência a essas tradições e como será possível, ao fazer essa verificação, encontrar as razões por ele apresentadas para validar teoricamente esse uso? A resposta a esta dupla pergunta somente será possível ao final de uma argumentação que levará em conta, preliminarmente, a análise crítica dos textos de Costa que, no decorrer desse artigo, serão paulatinamente apresentados e comentados com foco nas suas menções à tradição erudita.

DESENVOLVIMENTO

"Razões da nova arquitetura"⁶

O texto "Razões da nova arquitetura" foi publicado em 1936 na "Revista da Diretoria de Engenharia", da Prefeitura do Distrito Federal, volume III, número I. No livro "Registro de uma vivência", Costa assinala que esse texto é de 1934; portanto, esta é a data considerada neste trabalho. "Razões da nova arquitetura" representou um marco no Brasil, no sentido de fundamentar teoricamente a arquitetura moderna, integrando passado e presente, diferentemente da tendência internacional, que em muitos casos refuta o precedente para evitar a cópia de modelos passados: "transcrevo este longo texto como um documento de época que revela o clima de "guerra santa" profissional que marcou aqui o início da revolução arquitetônica (Costa, 1995, p. 108)."

No texto "Razões da nova arquitetura", é abordado o momento de transição e adaptação a um mundo novo que inicia a partir das transformações geradas pela era da revolução industrial e suas influências na arquitetura. Conforme Costa, começam a surgir reações diversas e antagônicas com relação a esse período: os que estão contentes com a nova era tendem a romper com tudo o que precedeu e há aqueles que negam o que está acontecendo. A fase é de desentendimento de ambas as partes, mas a nova era segue seu fluxo natural de desenvolvimento, mantendo uma conexão com as "verdades de

⁶ COSTA, Lucio. Razões da nova arquitetura (1934). In: Lucio Costa: Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa da Artes, (2ª ed.), 1995.

sempre”⁷; o espírito é o mesmo, a sua forma de apresentação e de expressão é que é nova, afirma.

Costa também salienta a importância desse período como um marco de possibilidades em vários âmbitos que até então o mundo nunca antes vivera. As modificações presentes nesse momento são tão sérias que Costa chega a afirmar que nem o Renascimento, apesar de sua importante e profunda influência, compara-se com que realmente essa era representa.

O trecho a seguir, extraído do texto “Razões da nova arquitetura”, foi selecionado por apresentar algumas importantes colocações do mestre que vão fornecendo pistas com relação ao foco do artigo em questão. Segundo as palavras de Costa:

Nessa fase de adaptação, a luz tonteia e cega os contemporâneos – há tumulto, incompreensão: demolição sumária de tudo o que precedeu; negação intransigente do pouco que vai surgindo – iconoclastas e iconolatrias se degladiam. Mas, apesar do ambiente confuso, o novo ritmo vai, aos poucos, marcando e acentuando a sua cadência, e o velho espírito – transfigurado – descobre na mesma natureza e nas verdades de sempre, encanto imprevisível, desconhecido sabor, resultando daí formas novas de expressão. Mais um horizonte então surge, claro, na caminhada sem fim. Estamos vivendo, precisamente, um desses períodos, cuja importância, porém, ultrapassa – pelas possibilidades de ordem social que encerra – todos aqueles que o precederam. As transformações se processam tão profundas e radicais que a própria aventura humanística do Renascimento, sem embargo do seu extraordinários alcance, talvez venha a parecer à posteridade, diante delas, um simples jogo de intelectuais requintados (Costa, 1995, p.108).

Desse modo, verifica-se que Costa, no texto “Razões”, inicialmente apresenta o quadro geral de incertezas que os arquitetos, no momento de novas alternativas advindas do desenvolvimento tecnológico, estão passando, ou seja, por um lado os que estão satisfeitos com as novas alternativas tendem a romper com tudo que precedeu. Por outro lado, há aqueles que não aceitam as novas alternativas e se mantêm fiéis ao que já conhecem, gerando um ambiente de grandes polêmicas entre essas posições opostas.

Porém, Costa parece se posicionar como o conciliador de ambas as partes antes caracterizadas como opostas. Costa tenta costurar as posições antagônicas através de uma nítida postura que faz referência ao passado como fonte de verdades inerentes à disciplina arquitetura, como quando afirma que “o velho espírito – transfigurado – descobre na

⁷ Expressão posteriormente a ser analisada quanto aos conceitos de verdade em oposição aos seus preconceitos que Costa os denomina de falso. COSTA, Lucio. Razões da nova arquitetura (1934). In: Lucio Costa: Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa da Artes, (2ª ed.), 1995. p.108.

mesma natureza e nas verdades de sempre, encanto imprevisto, desconhecido sabor, resultando daí formas novas de expressão. Mais um horizonte então surge, claro, na caminhada sem fim”. Nessa frase, Costa esclarece que existem certos princípios e/ou regras compositivas que em arquitetura independem da estética que dela resultou e do tempo que a mesma representa. Para Costa, arquitetura de excelência tem essência - “velho espírito” - e essa essência representa as “verdades de sempre”, mesmo que sua forma estética esteja “transfigurada” pelas novas tecnologias.

Costa parece dar indícios, quando utiliza a expressão “verdades de sempre”, que a “verdadeira arquitetura” necessariamente deve apresentar certos atributos, que posteriormente serão melhor esclarecidos, relacionados a princípios compositivos e a processos construtivos interdependentes da forma estética gerada. E, assim, Costa finaliza o seu pensamento buscando dar certa esperança a todos que no momento, conforme suas próprias palavras estão se “degladiando”. A crise da arquitetura contemporânea, bem como em outras áreas, advém da criação da máquina, sob a era industrial que tenta se firmar. Costa afirma que é totalmente coerente com esta nova era que inicia; preconiza que a arquitetura se diferencie enquanto sentido e forma dos períodos anteriores, contudo, sem perder o vínculo com as mesmas regras que permanecem perenes naquilo que constitui a excelência da disciplina ao longo dos tempos.

Desta maneira, conforme Costa, é destituído de qualquer valor tentar etiquetar a arquitetura desse período, assim como promover conflitos entre passado e futuro. Se para alguns as transformações desse momento são difíceis de serem aceitas e aplicadas na arquitetura, mas de difícil fuga, na evolução dos meios de transporte, por sua vez, há grandes resultados também desencadeados pela mesma causa. A seguir outro trecho do texto selecionado para análise:

A máquina – com a grande indústria – veio, porém, perturbar a cadência desse ritmo imemorial, tornando a princípio possível, já agora, sem rodeios, o alargamento do círculo fictício em que, como bons perus cheios de dignidade, ainda hoje nos julgamos aprisionados. Assim, a crise da arquitetura contemporânea, como a que se observa em outros terrenos, é o efeito de uma causa comum: o advento da máquina. É pois natural que, resultando de premissas tão diversas, ela seja diferente, quanto ao sentido e à forma, de todas aquelas que precederam, o que não a impede de se guiar – naquilo que elas têm de permanente – pelos mesmos princípios e pelas mesmas leis. As classificações apressadas e estanques que pretendem ver nessa metamorfose, naturalmente difícil, irremediável conflito entre passado e futuro, são destituídas de qualquer significado real. Se ainda não é fácil, porém, a espíritos menos avisados aprender, na arquitetura, o

verdadeiro sentido dessa transformação a que não poderemos fugir, a evolução dos meios de transporte, impelida pela mesma causa, mostra toda a sua significação, de maneira clara e sem sofismas, nos resultados surpreendentes a que chegou, muito embora já nada disso nos espante, tão familiarizados estamos com essa forma corriqueira de “milagre” (Costa, 1995, p. 110).

Ao analisar esse outro trecho do texto “Razões”, observa-se a tentativa de Costa em esclarecer que a crise a qual a arquitetura de sua época está passando, refere-se diretamente ao advento da máquina proveniente da revolução industrial, que trouxe novos materiais e disponibilizou novas tecnologias a serem utilizadas pelos arquitetos modernos. O que Costa tenta esclarecer é que há muita incompreensão por parte dos profissionais da área da arquitetura com relação a essas mudanças, visto que as mesmas não se referem a uma ruptura com tudo o que precedeu e, sim, os princípios compositivos os quais os arquitetos utilizam para criar arquitetura desde a antiguidade clássica até a contemporaneidade são os mesmos, pois são perenes no que concerne à tradição disciplinar da arquitetura. De acordo com suas próprias palavras: “o que não a impede de se guiar – naquilo que elas têm de permanente – pelos mesmos princípios e pelas mesmas leis”.

Costa afirma, portanto, que quanto a esses princípios o vínculo à tradição erudita perdura, não há ruptura, depende da maneira mais cautelosa de tentar se posicionar frente a essas mudanças no sentido de não romper com tudo que precedeu, já que seria falhar no aspecto que está implícito na “essência” (“velho espírito” ou “verdades de sempre”) dos grandes exemplos do passado. Obviamente, o resultado formal será distinto nesse momento, tendo em vista que será resultante dessa nova tecnologia, bem como os estilos de diversas épocas que se distinguiram um dos demais, expressando essas distintas soluções técnico-construtivas.

Esse momento marcaria uma revolução na sociedade através do desenvolvimento tecnológico em vários setores, transformando o dia a dia dessas pessoas numa rapidez nunca antes vista. Também, fez com que o temor ao novo surtisse efeitos que acabaram por desequilibrar muitos arquitetos no sentido de não terem parado para pensar com calma e com a disposição de refletir criticamente sobre novos fatos que estavam se impondo, para poderem estruturar um caminho naquilo que é impossível negar, a evolução dos tempos.

Costa, diferentemente da maioria, parece ter sido esse pensador, o intelectual que soube refletir sobre essas questões. Assim, seu trabalho teórico serviu para mediar e conciliar equilibradamente esse processo de mudanças, propondo alternativas que embasassem a arquitetura moderna no sentido de não perder os vínculos com a tradição erudita, de continuar a valorizar o precedente como registro histórico do conhecimento arquitetônico através de seus princípios e leis inerentes ao objeto arquitetônico de excelência, independente da época que esse se encontre.

Esse contexto difícil, vivido naquele momento da denominada “era da máquina”, parece ter fornecido as razões que levaram Costa a valorizar o precedente, no sentido de fazer do mesmo uma ponte ou uma conexão entre passado e presente, com a finalidade de estruturar e conciliar pensamentos opostos sobre a arquitetura moderna. Ou seja, tentando interpretar Costa, parece que seu pensamento, nessa circunstância, direciona-se para a seguinte assertiva: cria-se arquitetura com uma nova aparência estética, resultado das novas tecnologias, mas elabora-se essa criação através de princípios e leis compositivas como os antigos sempre fizeram, obras essas consideradas paradigmas do passado, representantes da arquitetura disciplinar erudita.

A seguir, outra importante parte do mesmo texto selecionada para posterior análise:

Enquanto os engenheiros americanos elevam a uma altura nunca dantes atingida as impressionantes afirmações metálicas da nova técnica, os arquitetos americanos – vestindo as mesmas roupas, usando os mesmos cabelos, sorriso e chapéus, porém desgostosos com o passado pouco monumental que os antepassados legaram, e sem nada compreender do instante excepcional que estamos vivendo – embarcam para a Europa, onde tranquilamente se abastecem das mais falsas e incríveis estilizações modernas, dos mais variados e estranhos documentos arqueológicos, para grudá-los com o melhor cimento – aos arcabouços impassíveis, conferindo-lhes assim a desejada dose de “dignidade”. No entanto, os “velhos” europeus, fartos de uma herança que os oprime, caminham para a frente, fazendo vida nova à própria custa, aproveitando as possibilidades do material e da prodigiosa técnica que os “jovens” americanos não souberam utilizar. Assim, com vinte séculos de intervalo, a história se repete. Os romanos – admiráveis engenheiros – servindo-se de alvenaria e concreto, ergueram, graças aos arcos e abóbodas, estruturas surpreendentes: não perceberam que a dois passos estava a arquitetura; apelaram para a Grécia decadente, revestindo a nudez sadia dos seus monumentos com uma crosta de colunas e platibandas de mármore e travertino, - vestígios de um sistema construtivo oposto. E foram precisamente os gregos em Bizâncio – Santa Sofia – que aproveitaram, tirando-lhe todo o partido da extraordinária beleza, a nova técnica (Costa, 1995, p. 112).

Nas colocações acima pode-se observar a atitude crítica de Costa com relação ao que em textos subsequentes ele mesmo chamará de “falsos estilos”, em oposição aos “verdadeiros estilos”. Nesse trecho do texto, Costa utiliza como exemplo a arquitetura elaborada nos Estados Unidos, contrária à nova tecnologia que estava à disposição no momento. Ou seja, os americanos constroem com a nova tecnologia, mas por falta de um passado marcante com relação à arquitetura produzida em seu país revestem sua arquitetura seguindo estilos históricos advindos dos europeus, contrapondo-se ao resultado estético proveniente da própria tecnologia que estava sendo empregada.

Os europeus, diferentemente dos americanos, estariam abertos às novas soluções desencadeadas na construção civil, advindas das novas tecnologias, e começam a produzir uma arquitetura que, esteticamente, representa essas transformações. Nesse aspecto, Costa compara a arquitetura dos americanos com a arquitetura dos romanos do período da antiguidade clássica que, também possuidores de novas tecnologias, mais avançadas que as dos gregos, baseavam-se na estética e no aplique decorativo dos materiais gregos para definirem seus estilos. Essas narrativas de Costa referem-se ao “falso estilo” que, para o autor, resulta de formas estéticas divergentes, em sua origem, da tecnologia e dos materiais empregados em sua construção como será verificado posteriormente.

A técnica construtiva moderna, segundo Costa, solicita uma revisão dos conceitos até então empregados nos modelos tradicionais. A maior alteração, em relação aos sistemas construtivos anteriores, constata-se na estrutura independente da edificação. As paredes, tradicionalmente, estruturavam o edifício desde o solo até o último pavimento. Com a nova técnica, as paredes perdem a função anteriormente exercida, isto é, de estruturar e vedar as construções, para tão somente serem usadas como vedações.

Assim, através do uso da nova tecnologia, sistemas de estruturas independentes que podem ser tanto de concreto armado como metálicas, libertam as paredes da função estrutural para se tornar simples vedações, podendo, em muitos casos, serem aplicadas como lâminas de vidro, cuidando a melhor orientação, afirma Costa.

Estrutura e parede apresentam-se, a partir de agora, como coisas com usos, materiais e espessuras diferentes, evidenciando independência em suas diversas aplicações. Costa afirma, por exemplo, que as paredes podem ser produzidas com materiais leves, com tecnologias à prova de som e fabricadas para melhor resistir às

variações de temperatura. Podem ser dispostas livremente, já que não necessitam suportar mais o peso de toda a edificação.

Este é o “segredo de toda a nova arquitetura”, salienta Costa. Compreendendo com clareza o que representa essa independência (estrutura e vedação), tem-se a resposta com relação às intenções do arquiteto moderno: as soluções do momento fornecem uma maior liberdade às plantas e às fachadas sendo agora denominadas de “livres” (designando total liberdade de relação entre estrutura e vedação, nos termos preconizados por Le Corbusier).

Com o novo sistema estrutural, foi possível transferir as colunas que acompanhavam as extremidades das edificações pelo lado de fora, para serem colocadas no interior do edifício, permitindo que as fachadas sejam simples vedações com total “liberdade de tratamento: do fechamento ao pano de vidro”, afirma. Segundo Costa:

A nova técnica reclama a revisão dos valores plásticos tradicionais. O que a caracteriza, e de certo modo comanda a transformação radical de todos os antigos processos de construção, - é a ossatura independente. Tradicionalmente, as paredes, de cima abaixo do edifício cada vez mais espessas até se esparramarem solidamente ancoradas ao solo, desempenharam função capital: formavam a própria estrutura, o verdadeiro suporte de toda a fábrica. Um milagre veio, porém, libertá-las dessa carga secular. A revolução, imposta pela nova tecnologia, conferiu outra hierarquia aos elementos da construção, destituindo as paredes do pesado encargo que lhes fora sempre atribuído. A nova função que lhes foi confiada - de simples vedação - oferece, sem os mesmos riscos e preocupações, outras comodidades. Toda a responsabilidade foi transferida, no novo sistema, a uma ossatura independente, podendo tanto ser de concreto armado como metálica. Assim, aquilo que foi - invariavelmente - uma espessa parede durante várias dezenas de séculos, pode, em algumas dezenas de anos, transformar-se (quando convenientemente orientada, bem entendido: sul no nosso caso) em uma simples lâmina de cristal. Parede e suporte representam hoje, portanto, coisas diversas; duas funções nítidas, inconfundíveis. Diferentes quanto ao material de que se constituem, quanto à espessura, quanto aos fins, tudo indica e recomenda vida independente, sem qualquer preocupação saudosista e falsa superposição. Fabricadas com materiais leves, à prova de som e das variações de temperatura, livres do encargo rígido de suportar, deslizam ao lado das impassíveis colunas; param a qualquer distância, ondulam acompanhado o movimento normal do tráfego interno, permitindo outro rendimento ao volume construído. É este o segredo de toda a nova arquitetura. Bem compreendido o que significa essa independência, temos a chave que permite alcançar, em todas as suas particularidades, as intenções do arquiteto moderno: porquanto foi ela o trampolim que, de raciocínio, o trouxe às soluções atuais - e não apenas no que se relaciona à liberdade de planta, mas, ainda, no que respeita à fachada, já agora denominada “livre”: pretendendo-se

significar com essa expressão a nenhuma dependência ou relação dela com a estrutura. Com efeito, os balanços impostos pelo aproveitamento racional da armação dos piso teve como consequência imediata transferir as colunatas – que sempre se perfilaram muito solenes, do lado de fora – para o interior do edifício, deixando assim às fachadas (simples vedação) absoluta liberdade de tratamento: do fechamento total ao pano de vidro (Costa, 1995, p.112).

Percebe-se no texto de Costa, anteriormente citado, que o autor tenta esclarecer os “Cinco pontos da arquitetura”, de Le Corbusier, mesmo que Costa não os cite literalmente. Mas o mais relevante, nessa parte, para melhor focalizar o tema deste artigo, está em dois trechos. No primeiro, ao início, Costa afirma: “A nova técnica reclama a revisão dos valores plásticos tradicionais. O que a caracteriza, e de certo modo comanda a transformação radical de todos os antigos processos de construção, - é a ossatura independente.” Costa está dando continuidade à sua crítica à produção arquitetônica dos americanos, pelo fato de resultarem em uma estética diferente da construção por eles empregada. Ou seja, Costa está salientando que a “verdadeira arquitetura”, na acepção por ele enunciada mostrar-se-á persistente em seu pensamento (tal qual será demonstrado na análise realizada em seus textos), em sua aparência estilística, deve ser o resultado da técnica construtiva e, por conseguinte, mantém os laços com a tradição da disciplina arquitetura, seja erudita ou popular, considerada por Costa de excelência.

Costa, portanto, acredita que nesse momento deve haver uma preocupação por parte dos arquitetos modernos em produzir uma arquitetura que expresse e resulte em uma forma-estética do novo sistema construtivo e que está, precisamente, na “ossatura independente” da estrutura (de concreto ou metálica) em relação à alvenaria que apenas veda os compartimentos, diferentemente do passado. A segunda frase selecionada da citação anteriormente referida complementa a idéia: “é este o segredo de toda a nova arquitetura. Bem compreendido o que significa essa independência, temos a chave que permite alcançar, em todas as suas particularidades, as intenções do arquiteto moderno.”

A seguir, Costa defende a arquitetura moderna contra aqueles que estão se posicionando contrária à mesma:

Entretanto, tais soluções características e de grande beleza plástica chocam aqueles que, armados de preconceitos, e não convenientemente esclarecidos das razões e do sentido da nova arquitetura, procuram analisá-la baseados não somente nos princípios permanentes – que estes ela os respeita integralmente – mas naqueles que resultaram de uma tecnologia diferente, pretendendo assim descobrir-lhe “qualidades” que ela não pode nem deve possuir (Costa, 1995, p. 113).

Verifica-se, na citação acima, que apesar destes esclarecimentos das “razões e do sentido da nova arquitetura” e das questões relacionadas às peculiaridades que a transformam numa nova expressão plástica, Costa afirma que há aqueles que parecem não ter entendido tais premissas. Por esse motivo, não a aceitam e procuram compará-la com as arquiteturas geradas a partir de outras técnicas e afirmam já que a estética que representa a arquitetura moderna se diferencia muito das arquiteturas passadas que a mesma não é concebida por leis e princípios permanentes. Costa acredita que não é possível comparar a arquitetura moderna com as arquiteturas provenientes de tecnologias diferentes, pois tentam cobrar no resultado formal da arquitetura moderna certas “qualidades” que não existem por não terem motivos para existir, por não coincidirem mais com a nova tecnologia. Costa contrapõe-se, também, com relação às críticas realizadas que afirmam que a arquitetura moderna é ausente de leis e princípios compositivos perenes. Costa esclarece, portanto, que a arquitetura moderna é criada através de princípios compositivos advindos da tradição disciplinar erudita da arquitetura provenientes da antiguidade clássica, quando se refere às regras de composição, segundo suas palavras:

Embora desmascare os artificialismos da falsa imponência acadêmica, a nova arquitetura não se pretende furtar – como levianamente se insinua – às imposições da “simetria”, senão encará-la no verdadeiro e amplo sentido que os antigos lhe atribuíam: com medida – com metro – tanto significando o rebatimento primário em torno de um eixo, como o jogo de contrastes sabiamente valorizados em função de uma linha definida e harmônica de composição, sempre controlada pelos traçados reguladores, esquecidos dos acadêmicos e tão do agrado dos velhos mestres (Costa, 1995, p. 114).

Costa ao afirmar, na citação anterior, a importância que os arquitetos modernos dão aos princípios compositivos advindos da tradição disciplinar erudita da arquitetura, aproveita para se colocar contra o ensino acadêmico, no que concerne ao fato de que o mesmo se utiliza do precedente, de sua aparência estilística, para decorar a arquitetura que ainda estava sendo produzida, de caráter eclético, e que o movimento moderno refutava. Conforme sua assertiva: “Embora desmascare os artificialismos da falsa imponência acadêmica, a nova arquitetura não se pretende furtar – como levianamente se insinua – às imposições da “simetria”, senão encará-la no verdadeiro e amplo sentido que os antigos lhe atribuíam”.

Se, por um lado, Costa teve uma formação acadêmica na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, dentro dos moldes da “École des Beaux-Arts” de Paris, por outro lado, nem todos os ensinamentos da mesma o influenciaram. Verifica-se, realmente, uma grande influência do mestre Guadet, da École, na montagem teórica de Costa para embasar a arquitetura moderna no Brasil, com relação à utilização de certos conceitos, tais como elementos de arquitetura, elementos de composição e das regras compositivas. Porém, no que diz respeito ao foco deste artigo, cabe indagar quais seriam as razões que justificariam a permanência da tradição no fundamental papel que o precedente assume na concepção arquitetônica de Costa? Em alguns aspectos, é diferente do papel que o precedente assumia para os acadêmicos.

Guadet, assim como Costa, afirma que é do precedente (grandes exemplos das arquiteturas do passado) que se extraem as regras compositivas. Porém, diferentemente de Guadet, Costa se posiciona contrário em outra instância: o precedente, para os acadêmicos, também serve como material de escolha dos diversos elementos de arquitetura que caracterizam os diferentes estilos que os arquitetos utilizariam para ornamentar suas composições, dentro de um espírito eclético para ele inaceitável por não satisfazer a um critério, por ele invocado, de “verdade” arquitetônica.

Para Costa, a uniformidade presente na arquitetura moderna é a mesma que caracteriza os grandes estilos de diferentes épocas; a arquitetura gótica, por exemplo, considerada por muitos, de um modo geral, apenas um estilo adotado nas construções religiosas, era na verdade um sistema construtivo. Esse sistema era usado em qualquer tipo de construção da sua época, bem como o concreto armado caracterizaria as realizações de nova arquitetura. Atualmente, pode ser aplicado em construções de caráter militar, civil ou eclesiástico. Na citação a seguir, Costa procura demonstrar que a arquitetura moderna conforma um estilo que surge seguindo os parâmetros da tradição disciplinar erudita:

Porque essa uniformidade sempre existiu e caracterizou os grandes estilos. A chamada arquitetura gótica, por exemplo, que o público se habituou a considerar própria apenas para construções de caráter religioso, era, na época, uma forma de construção generalizada – exatamente como o concreto armado hoje em dia – e aplicada indistintamente a toda sorte de edifícios, tanto de caráter militar como civil ou eclesiástico (Costa, 1995, p. 114).

Costa consegue associar o uso da nova tecnologia a uma expressão formal distinta de todos os estilos anteriores, mostrando que, apesar disso, a arquitetura moderna permanece totalmente tradicional: os demais estilos que caracterizaram cada período da história da arquitetura erudita também resultaram das técnicas e materiais empregados, independente da função que esse edifício abrigaria.

Costa novamente reforça a ideia que, embora a arquitetura moderna resulte em uma nova estética e que esta se repete em grande quantidade e pelo mundo, sua gênese está inteiramente enraizada na tradição, conforme a própria história da arquitetura pode atestar. Costa, portanto, posiciona-se da seguinte maneira quando os críticos acusam os arquitetos modernos, argumentando que a nova arquitetura é monótona, em alguns aspectos repetitiva, devido às formas que lhe são peculiares:

É igualmente ridículo acusar-se de monótona a nova arquitetura simplesmente porque vem repetindo, durante alguns anos, umas tantas formas que lhe são peculiares – quando os gregos levaram algumas centenas trabalhando, invariavelmente, no mesmo padrão, até chegarem às obras-primas da Acrópole de Atenas. Os estilos se formam e apuram, precisamente, à custa dessa repetição que perdura enquanto se mantêm as razões profundas que lhe deram origem (Costa, 1995, p. 114).

Costa salienta, na citação anterior, que todos os estilos que marcaram a história da arquitetura ao longo dos tempos podem ser identificados ou classificados como pertencentes a uma mesma corrente de pensamento, pois sua estética resultante se repetiu em vários edifícios e por vários locais e que, por essa linha de reflexão, a arquitetura moderna seria, portanto, rigorosamente tradicional. Outro comentário relevante de Costa é que os grandes estilos do passado são aqueles que possuem, em sua essência, “razões profundas que lhe deram origem” e que, por conseguinte, a arquitetura moderna também contemplaria essas razões.

Essas razões parecem estar relacionadas aos princípios anteriormente enfatizados por Costa, quais sejam: os princípios compositivos e a interdependência entre técnica construtiva e resultado estético formal. Costa vai se posicionar frente à denominação de arquitetura moderna internacional, afirmando que:

Além daquela aparente uniformidade, daquele “tom de conversa” que predomina nas construções contemporâneas tanto de caráter privado como público, - em contraste com o tom de discurso exigido para estas últimas pelos nossos avós-, ainda se quer atribuir à nova arquitetura outro pecado: o internacionalismo. Acreditamos que tal receio seja, no entanto, tardio, pois a internacionalização da arquitetura não começou com o concreto armado e o pós-guerra; quando começou – omitindo as arquiteturas românica e gótica, eminentemente internacionais, no

pressuposto que se possa alegar, como justificativa, a influência catalisadora da Igreja ainda havia índios nas nossas praias virgens do suor português: começou com a viagem turístico-militar de Carlos VIII à Itália, na primavera de 1494, a que se seguiram as de Luis XII e Francisco I. Foi então que se derramou pela Europa inteira – cansada de malabarismos góticos – o novo entusiasmo que, com a expansibilidade de um gás, penetrou todos os recantos do mundo ocidental, intoxicando todos os espíritos. E a nova arquitetura, mesclando-se de início às caturrices góticas, foi, aos poucos, simplificando, suprimindo os “barbarismos”, impondo ordenação, ritmo, simetria, até culminar no classicismo do século XVII e no academismo que se lhe sugeriu. Nada se pode, com efeito, imaginar tão *absolutamente internacional* como essa estranha maçonaria que – “supersticiosamente” – de Viena a Washington, de Paris a Londres ou Buenos Aires –, com insistência desconcertante, repetiu até ontem, as mesmas colunatas, os mesmos frontões, e as mesmíssimas cúpulas, indefectíveis (Costa, 1995, p. 115).

Novamente Costa, ao se posicionar na defesa da arquitetura moderna, quando esta é considerada um estilo internacional, demonstra que, também, nesse aspecto, ela se apresenta “rigorosamente tradicional”, a saber, outros estilos ao longo da história também se reproduziram em locais e culturas diferentes das de origem. Nesse sentido, Costa vai utilizar, como exemplo crítico, o ecletismo, que em sua concepção é tão ou mais internacional que a própria arquitetura moderna e, pior, suas formas surgem de técnicas construtivas muitas vezes opostas da função real, convencional, que a mesma deveria exercer, tendo como propósito, apenas, a aplicação de meros elementos decorativos a qual Costa vai continuar refutando veementemente em textos escritos posteriormente.

Para finalizar as citações selecionadas do texto “Razões”, a frase a seguir, de Costa, salienta, sucintamente, o seu pensamento sobre a arquitetura moderna e expõe o vínculo com a mesma com relação ao papel do precedente em sua concepção: “Porque, se as formas variaram – o espírito ainda é o mesmo, e permanecem, fundamentais, as mesmas leis (Costa, 1995, p. 116).” Interpretando essa assertiva de Costa, verifica-se que as formas variaram visto que são decorrência de uma nova técnica de construir; no decorrer da leitura desse texto foi possível constatar que, segundo o pensamento de Costa, ao longo da história, os diversos estilos que marcaram períodos distintos também são consequência de suas diferentes técnicas e das expressões formais resultantes dessa técnica. Da mesma forma, tais estilos foram criados a partir da aplicação de princípios e/ou leis compositivas. Desse modo, a arquitetura moderna também é criada a partir do conhecimento dessas leis compositivas, advindas do estudo de precedentes, por se tratar

de princípios perenes da tradição disciplinar da arquitetura erudita, pois “o espírito ainda é o mesmo”, apenas as formas é que variam.

As razões profundas a que Lucio Costa se refere em “Razões da nova arquitetura” e que acabaram se tornando o embasamento teórico da prática desenvolvida nas primeiras décadas da arquitetura moderna brasileira e, em especial, da sua própria arquitetura, marcada inicialmente pelo projeto e execução do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), estão baseadas na conexão entre presente e passado. No presente, através do emprego de sistema estrutural independente das vedações, visto como consequência direta da Revolução Industrial e da produção de novos materiais. Por sua vez, o passado se manifesta nas leis compositivas encontradas em precedentes advindos de uma tradição erudita, associado às novas técnicas construtivas do presente, referindo-se a um momento de transição e evolução, não de revolução.

Portanto, verifica-se, no que concerne ao foco deste artigo em questão, quanto às possíveis razões da tradição no que se refere ao fundamental papel que o precedente adquire na concepção arquitetônica de Costa, indícios de um pensamento voltado para a busca de elos, conexões no sentido evolucionista; na busca ideológica daquilo que Costa considera representar uma arquitetura de excelência; na crítica ao ecletismo e na defesa da nova arquitetura a partir de uma interdependência entre técnica construtiva e expressão plástica resultante da mesma, conforme se observa nos grandes exemplos do passado.

Nessa fase de adaptação, a luz tonteia e cega os contemporâneos – há tumulto, incompreensão: demolição sumária de tudo o que precedeu; negação intransigente do pouco que vai surgindo – iconoclastas e iconolatrias se degladiam. Mas, apesar do ambiente confuso, o novo ritmo vai, aos poucos, marcando e acentuando a sua cadência, e o velho espírito – transfigurado – descobre na mesma natureza e nas verdades de sempre, encanto imprevisto, desconhecido sabor, resultando daí formas novas de expressão. Mais um horizonte então surge, claro, na caminhada sem fim. (...) Assim, a crise da arquitetura contemporânea, como a que se observa em outros terrenos, é o efeito de uma causa comum: o advento da máquina. É pois natural que, resultando de premissas tão diversas, ela seja diferente, quanto ao sentido e à forma, de todas aquelas que precederam, o que não a impede de se guiar – naquilo que elas têm de permanente – pelos mesmos princípios e pelas mesmas leis. As classificações apressadas e estanques que pretendem ver nessa metamorfose, naturalmente difícil, irremediável conflito entre passado e futuro, são destituídas de qualquer significado real. Se ainda não é fácil, porém, a espíritos menos avisados aprender, na arquitetura, o verdadeiro sentido dessa transformação a que não poderemos fugir (...) (Costa, 1995, p. 110).

***Interessa ao estudante*⁸**

“Nestas condições, o que interessa ao arquiteto conhecer?” - após essa pergunta de Costa, cujo conteúdo está presente nesse texto e também no livro “Registro de uma Vivência”, não obstante sob outro título - “Interessa ao estudante”. Importante ressaltar que não há registro, nem de Costa, quando o mesmo o redigiu, mas é possível que tenha sido na década de 1940. Neste texto, pode-se constatar a importância do estudo do precedente como fundamento de projeto, tanto com relação à tradição erudita, associada às regras de composição, quanto à tradição popular, associada ao uso convencional de elementos de arquitetura e de composição. Também, observa-se sua ligação direta com o momento presente, conforme citação a seguir:

Interessa, antes de mais nada, conhecer como, em condições idênticas ou diferenciadas de época, de meio, de material e de técnica ou de programa, os problemas da construção foram arquitetonicamente resolvidos no passado. A consciência do sentido verdadeiro dessa preciosa experiência acumulada é necessária para que então o aluno, profundamente imbuído do espírito novo de sua época, se familiarize com as condições particulares do meio em que vive, se assenhereie dos novos recursos de material e de técnica, se informe das particularidades específicas dos programas contemporâneos, se exercite e apure nos segredos da comodulação e da modenatura, a fim de, por sua vez, habilitar-se a resolver, arquitetonicamente, os problemas atuais da construção. Assim, portanto, de uma parte, história e teoria da arquitetura, de outra, teoria e prática da profissão de arquiteto, atividade consubstanciada na disciplina que se convencionou denominar, com certa redundância, composição de Arquitetura, e onde se aprende a arte de compor tecnicamente os edifícios, ou seja, simplesmente, a arquitetar. A composição arquitetônica é, por conseguinte, a finalidade mesma da profissão do arquiteto, e para onde convergem e onde se corporificam todas as demais disciplinas do curso, que se deverão dispor no currículo, antes do mais, em função dela (Costa, 2007, P. 114).

Ao analisar a citação anterior, observa-se o quanto Costa valorizava o precedente. O precedente, para Costa, pode representar vários papéis no âmbito da produção do conhecimento arquitetônico. Dessa maneira, quando o precedente advém de uma tradição erudita, pode-se dele extrair princípios e/ou regras compositivas, através da análise e da interpretação de quem o está estudando, com a finalidade de aplicá-los na prática projetual; por outro lado, quando advém da tradição popular, pode-se nele buscar conhecimentos programáticos (elementos de composição) e investigar soluções técnico-

⁸ COSTA, Lucio. *Interessa ao estudante*. In: Lucio Costa: *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa da Artes, (2ª ed.), 1995

construtivas (elementos de arquitetura). Posteriormente, cabe ao arquiteto criador, em sua interpretação desse conhecimento legado pelo passado, conectá-lo aos usos que caracterizam o momento presente e atualizá-lo incorporando-o às novas tecnologias disponíveis.

Contra esse pano de fundo, cabe ressaltar mais uma vez que o foco deste artigo não está no estudo da maneira como Costa usa o precedente em sua própria prática projetual (como já foi comentado anteriormente, este trabalho já foi encetado por Comas, pela análise por ele realizada dos projetos arquitetônicos de Costa). O estudo que sustenta esta tese, por sua vez, colabora com a tese de Comas deslocando o objeto de análise: a fonte não é mais a obra arquitetônica de Costa, mas sim seu trabalho teórico, contido na obra escrita e publicada do arquiteto. Mais uma vez, o principal propósito da presente investigação é indagar quais as "razões da tradição" que, para Costa, justificariam operativamente manter com a produção arquitetônica do passado vínculos negados por outros tantos partidários da "nova arquitetura"?

Não se trata aqui, portanto, de como ele as usa, mas do porquê de seu uso no âmbito da arquitetura moderna, tal como ele preconiza em sua formulação doutrinária. Nesse aspecto, parece novamente estar implícita na análise realizada do texto “Razões da nova arquitetura” a constante preocupação de Costa em tentar conciliar aqueles que aceitam a arquitetura moderna e rompem com tudo que a precedeu e aqueles que a refutam por acreditar que a arquitetura moderna se distancia da tradição disciplinar erudita. A tentativa de atender a todos, no sentido de conciliar visões opostas, parece evidenciar as razões iniciais de Costa ao dar um papel fundamental ao precedente, ou seja, o papel de mediador de um processo de transformação radical que a sociedade e a prática da arquitetura estavam passando.

Outra fundamental razão da permanência da tradição erudita está no desejo de embasar teoricamente a arquitetura moderna por meio da valorização do papel do precedente como fonte de inspiração e conhecimento para a profissão de arquiteto. Esta fundamentação, como seria de esperar, não é neutra, mas está profundamente enraizada nos valores ideológicos⁹ de Costa, naqueles aspectos que ele realmente acredita fazerem

⁹ *sf* (*ídeo*¹+*logo*²+*ia*¹) 1 *Filos* Ciência que trata da formação das idéias. 2 Tratado das idéias em abstrato. 3 *Filos* Sistema que considera a sensação como fonte única dos nossos conhecimentos e único princípio das nossas faculdades. 4 Maneira de pensar que caracteriza um indivíduo ou um grupo de pessoas: *Ideologia socialista*. Var: *ideologismo*. adj (*ídeo*¹+*logo*²+*ico*²) Que se refere à

parte inerente do processo de criação do arquiteto, para que se possa, assim, conceber uma arquitetura de excelência, pelo amor à própria arquitetura, à arquitetura em si mesma.

Complementa-se a ideia anteriormente exposta, presente no texto “Interessa ao estudante”, no qual Costa salienta a importância da tradição erudita através do estudo minucioso do precedente com a finalidade de dele extrair conhecimentos para aplicação na prática projetual:

Assim como importa ter noção das características das diferentes escalas: na escala “plástica” ou ideal, a unidade de medida – o módulo – é uma determinada parte da coisa construída; na escala humana, ou funcional, a unidade de medida – a polegada, o palmo, o pé – é uma determinada parte do corpo humano; na escala teórica, ou abstrata, a unidade de medida – o metro – é a quadragésima milionésima parte do quadrante terrestre, ou seja, uma abstração, perdendo-se portanto qualquer relação com o homem ou com a coisa fabricada. O modulator, de Le Corbusier, vinculado à escala plástica, ou ideal, e à escala humana, tornou possível restabelecer, apesar do sistema métrico, o perdido sentido de proporção. Finalmente, convirá acentuar a importância da intenção, porquanto a expressão final da obra dependerá do fiel e constante apego a essa intenção original. Assim, por exemplo, as chamadas ordens clássicas – dórica, jônica, coríntia – correspondem pura e simplesmente à expressão plástica de intenções diferentes, acrescidas àquela intenção maior sereno equilíbrio, peculiar à arte grega: no dórico, força contida; no jônico, graça e elegância; no coríntio, requinte e riqueza; ordens estas a que os romanos acrescentam a toscana, de intenção mais utilitária, e, no sentido oposto, a hiperbólica ostentação da ordem “compósita” – fusão da coríntia com a jônica (Costa, 1995, p. 118).

Costa, na citação anterior, demonstra que as concepções arquitetônicas precedentes que se tornaram paradigmas evidenciam o uso de certos princípios compositivos. Costa, então, destaca dentre estes princípios aquele que ele denomina de módulo. Conforme a época em que era empregado, o módulo foi associado de diversas maneiras à concepção arquitetônica, porém, em síntese, representa uma unidade de medida que, se bem estudada, pode ser utilizada unida a uma intenção plástica do arquiteto. No momento em que Lucio Costa escreve, surge o exemplo de Le Corbusier, o qual, a partir do estudo da antiguidade clássica, retoma a inspiração do homem vitruviano

desenhado por Leonardo da Vinci e cria o Modulor, instrumento de trabalho que sustentaria, na sua proposta, a prática na arquitetura moderna.

Costa, nessa citação, demonstra aquela constatação anteriormente feita de que uma de suas possíveis razões da tradição, e nesse caso, especificamente da tradição erudita, está em acreditar veementemente que, para ser um grande arquiteto, é necessário conhecer a fundo o passado. Dentro desse pensamento, Costa mostra que esse passado pode ser trazido ao momento presente com uma roupagem nova, como o fazia Le Corbusier, o grande mestre da arquitetura moderna.

Portanto, não há necessidade de ruptura ao criar a arquitetura moderna, basta seguir os exemplos dos grandes mestres do passado que evoluíram conhecendo e estudando o precedente. E neste sentido, Costa tenta passar uma mensagem para os arquitetos modernos que se refere diretamente ao papel que o precedente pode ter neste momento, ou seja, para que observem melhor as obras dos arquitetos que se destacaram ao longo da história, visto que os mesmos, nunca se afastaram do estudo do precedente, mas desde que interpretado de uma maneira crítica e inserido no contexto para qual foram criados. Aí parecem estar algumas das possíveis razões que levam Costa a valorizar tanto o precedente, além do papel de conciliador que Costa parece dar ao precedente na tentativa de inserir a arquitetura moderna como ele aborda no texto “Razões”, neste texto, Costa parece evidenciar um novo papel, uma nova razão ao precedente, que percebe-se estar relacionado com algo maior, superior a qualquer outro motivo - o seu simples e profundo amor à arquitetura.

E nesse sentido, Costa extrapola o âmbito da arquitetura moderna e entra no âmbito da excelência arquitetônica independente do momento histórico que a mesma se encontre, pois vai tentar demonstrar que toda arquitetura exemplar teve como fonte de inspiração o precedente, por conseguinte, por que a arquitetura moderna seria diferente se Costa almeja que a mesma seja uma arquitetura de excelência, também? E esta possível razão que faz Costa valorizar tanto o precedente representa sua maneira peculiar de se conceber uma arquitetura de excelência, seja qual for o período histórico que a mesma se encontre, pois o tempo parece não importar para Costa, o que importa é a evolução da arquitetura, no aspecto de crescimento qualitativo, no qual o precedente analisado criticamente torna-se o mais importante referencial para o aprimoramento da ‘disciplina’ arquitetura.

***Considerações sobre o ensino da arquitetura*¹⁰**

O livro “Sobre arquitetura”, referente ao texto sob o título “Considerações sobre o ensino da arquitetura”, originalmente publicado na revista do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas-Artes - “ENBA”, Revista de Arte – número 3, setembro de 1945, trata de considerações de Costa sobre um currículo adequado à arquitetura, sua desvinculação parcial do ensino de pintura e escultura, sua associação ao ensino de engenharia com relação às disciplinas técnico-científicas, entre outros. Para abordar tal assunto, Costa apresenta-nos uma definição de arquitetura e aborda a questão da importância da composição arquitetônica como instrumento básico de criação arquitetônica associado aos conceitos orgânico-funcional e plástico-ideal. Nesse texto, portanto, nota-se a presença de recortes de partes de outros textos como o “Interessa ao estudante” e “Considerações sobre a arte contemporânea”.

Embora haja necessidade de atualização do ensino de arquitetura, Lucio Costa acredita que continua indispensável à ligação com o ensino da Pintura e da Escultura. Para tal atualização, o curso de arquitetura precisa, porém, ir além, com a participação de professores especializados, principalmente de engenheiros, para ministrar disciplinas da ciência da técnica de construir. Além do corpo docente, as instalações e equipamentos devem ser melhorados para esta finalidade, sendo que tais modificações entram em desacordo com o ensino tradicional da Escola de Belas Artes.

De qualquer maneira, segundo Costa, ao aceitar a independência das escolas de Pintura, Escultura e Arquitetura, deverá se ter cuidado, na montagem do currículo, de que não se perca totalmente o convívio entre as três artes, sem prejuízo da formação técnico-científica indispensável para o desenvolvimento de um aluno de arquitetura. A arquitetura, “apesar da sua complexidade atual de realização, - ainda continua sendo, como no passado, fundamentalmente, arte plástica (Costa, 1995, p. 111)”. Nessa assertiva de Costa, é possível verificar a importância por ele atribuída tanto aos conhecimentos arquitetônicos que se relacionam a uma Ciência, quanto aos conhecimentos que se relacionam à arquitetura como expressão artística.

¹⁰ COSTA, Lucio. Considerações sobre o ensino da arquitetura (1945); In: Lucio Costa: sobre arquitetura. organizado por Alberto Xavier. - 2. ed. / coordenada por Anna Paula Cannez – Porto Alegre: Uniritter Ed., 2007.

Conforme a citação a seguir, observa-se a constante preocupação de Costa em valorizar, de maneira igual, a arquitetura de tradição erudita e a arquitetura de tradição popular:

Arte plástica porque, desde a germinação do projeto até a conclusão da obra realizada, o sentimento é seguidamente chamado a intervir, a fim de escolher livremente – dentro dos limites extremos determinados pelo cálculo, preconizados pela técnica, condicionados pelo meio ou impostos pelo programa, - a forma plástica adequada. É arte erudita quando semelhante opção se faz conscientemente, e popular quando ela se processa de forma inconsciente, - razão por que tanto num caso como noutro a qualidade plástica pode estar presente (Costa, 1995, p. 111).

Reconhecendo a arquitetura como arte desde sua origem, Costa afirma que a elaboração de seu currículo deve partir desse princípio. Por esse motivo, torna-se discutível aceitar a proposta de ter as mesmas disciplinas da Engenharia durante dois anos para depois tratar da Arquitetura. Dessa maneira, seria injusto com os alunos apaixonados pela profissão fazer com que esperassem dois anos para colocarem em prática toda a sua criatividade. Fato da mesma importância e inaceitável quando o arquiteto não leva tão a sério como o engenheiro a profissão de construtor, afirma Costa.

Importante, também, conforme Costa, assinalar diferenças de procedimento entre uma profissão e outra: enquanto o engenheiro, com uma formação exclusiva da área das ciências exatas, parte do particular para o geral, o arquiteto, ao contrário, parte do geral para o particular, reforçando a idéia de que arquitetura é arte acima de ciência, para posteriormente partir do particular para o geral, variando a ordem de tais quesitos com uma permanente autocrítica do início ao fim do projeto. É, portanto, o predomínio da síntese sobre a análise que caracteriza o ofício do arquiteto, e é justamente o que o habilita para os estudos urbanísticos, dentro do conceito moderno:

Mas se arquitetura é fundamentalmente arte, não é o menos, fundamentalmente, construção. É, pois, a rigor, construção concebida com intenção plástica. Intenção esta que a distingue, precisamente, da simples construção. Ela não atua, porém, essa intenção plástica, de uma forma abstrata, mas condicionada sempre por fatores de natureza variável de tempo e de lugar, tais como a época, o meio físico e social, os materiais empregados, a técnica decorrente do emprego desses materiais, o programa, etc. Pode-se, assim, definir Arquitetura como construção concebida com uma determinada intenção plástica, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de um determinado material, de uma determinada técnica e de um determinado programa (Costa, 2007, p. 112-113).

A definição de arquitetura apresentada na citação anterior se diferencia um pouco da primeira definição de arquitetura presente no texto “Considerações sobre arte contemporânea”, escrito nos anos 40, mas publicado somente em 1952, qual seja: “Pode-se então definir a arquitetura como construção com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa (Costa, 1995, p. 246).”

Comparando ambas as definições o conteúdo da que está presente no texto “Considerações sobre arte contemporânea” apresenta que arquitetura é construção, mas concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço; agora, arquitetura é construção, concebida com uma determinada intenção plástica e acrescenta que deve ter um determinado material. Pequena mudança de pensamento, porém com o restante do conteúdo da frase formulado da mesma maneira.

A intenção plástica presente nessa definição de arquitetura é fundamental em sua concepção; no entanto, essa intenção deve estar de acordo com o contexto em que se insere (clima, topografia, tecnologia adequada, entre outros) e deve deixar claro a que período pertence. Mais uma vez demonstra repudiar qualquer cópia de modelo passado como, por exemplo, o Neocolonial; assim, “fingir por fingir” é algo que está longe de seu pensamento.

Ao analisar o pensamento de Costa, pode-se perceber que para existir arquitetura, então, é preciso o reconhecimento de uma “essência” ligada ao espírito de sua intenção plástica, ao tempo que a representa e à verdade construtiva que a materializa. Essas últimas assertivas parecem constituir as principais razões da tradição. Percebe-se, então, que estas razões que levam Costa a valorizar tanto a tradição erudita estão conectadas diretamente ao papel que o precedente erudito exercerá, ou seja, como fonte de pesquisa para extrair conhecimentos implícitos a sua essência – princípios compositivos. Desta maneira, tudo indica que, para Costa, o papel do precedente na renovação da arquitetura está em construir um vínculo, uma ponte, entre passado e presente.

Muita construção, alguma arquitetura e um milagre¹¹

O texto “Muita construção, alguma arquitetura e um milagre”, realizado a pedido de Carlos Drummond de Andrade e Paulo Bittencourt, para a edição comemorativa do cinquentenário do “Correio da Manhã”, foi publicado em 15 de junho de 1951 e é o mesmo texto presente no livro “Sobre arquitetura”, sob o título “Depoimento de um arquiteto carioca”.

Nesse texto, Costa faz um breve panorama histórico a partir da fundação do primeiro curso de arquitetura no país, comenta sobre importantes mestres que influenciaram o destino da arquitetura no Brasil e aborda suas principais fases, até chegarmos às suas importantes considerações sobre a modernidade.

O título desse texto é bastante sugestivo; nele Costa aborda o projeto e a participação de Le Corbusier como assessor da equipe brasileira responsável pelo estudo do Ministério da Educação e Saúde Pública (1936), induzindo o leitor a conceber essa obra como um “milagre”, devido à excelência e às dificuldades passadas no decorrer do desenvolvimento dessa empreitada, que marcou, no País, a inserção da nova arquitetura. Nesse sentido, novamente Costa se ressentia de não ter conseguido fazer as reformas no ensino de arquitetura no país através de sua proposta quando diretor da ENBA, afirmando que as alterações no ensino oficial se deram distantes da prática arquitetônica. Tal constatação permite a interpretação de que, naquele momento, a expressiva quantidade de construções de baixa qualidade é consequência da falta das premissas fundamentais para se obter uma arquitetura consistente.

Essa arquitetura consistente, segundo seu pensamento, deve ser aliada ao conhecimento do precedente, naquilo que consiste a sua essência, ou seja, vinculado às regras de composição e ao momento presente, através de uma constante crítica. Observa-se este fato através de seu apelo à tradição, conforme suas próprias palavras:

Não podendo já então reagir no sentido da orientação “pseudo-clássico-modernizada”, que consistiria numa vã pretensão estilística ainda baseada no apego à técnica de compor acadêmica e à modulação convencional, mas de aparência hirta porque despojada da molduração e dos ornatos integrantes do organismo original, passou a adotar o ensino oficial o regime da liberdade desamparada do indispensável esclarecimento, como se a arquitetura contemporânea dita moderna fosse mera questão de licença ou de improvisação do capricho pessoal. Não por estrita incapacidade dos

¹¹ COSTA, Lucio. Muita construção, alguma arquitetura e um milagre (1951). In: Lucio Costa: Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa da Artes, (2a ed.), 1995.

mestres, sempre dedicados e idôneos, mas porque a falta de convicção e experiência própria, senão mesmo certa natural repulsa, os impedia de transmitir a lição moderna com a indispensável objetividade e clareza, resultando daí prevalecer no espírito dos alunos certa pretensão pueril de auto-suficiência e a tola presunção de que o ensino acadêmico apropriado é dispensável à boa formação profissional. Quando o exercício continuado e oportuno da crítica adequada haveria de torná-los, senão imunes, ao menos refratários a toda e qualquer atitude leviana e a refrear a adoção de soluções formais impróprias por sua gratuidade fora de propósito ou porque antifuncionais. Como é porém de tradição, no sentido artístico, a existência de vários ateliers autônomos para opção do aluno segundo sua preferência ou natural inclinação, cabe renovar aqui o apelo feito por ocasião da inauguração do edifício do Ministério da Educação e Saúde: nomeiem-se (amanhã, que as calendas já estão abarrotadas) catedráticos, “hors-concours”, de composição de arquitetura e pintura, respectivamente, o arquiteto Oscar Niemeyer Soares e o pintor Candido Portinari, pois se temos à mão dois artistas de tamanha projeção internacional pelo vulto e qualidade da obra realizada, não se compreende porque privar, oficialmente, as novas gerações da mútua lição insubstituível de tão exercitada experiência. Esta medida singela e sensata viria sanar o mal na própria raiz e, sem quebra de sua atual feição, reconciliar a Escola com a vida, restabelecendo-se novamente o equilíbrio, perdido desde 1930, para maior proveito do ensino e maior prestígio e renome da secular instituição, pois, embora separadas e com propósito de montar casa própria, para os alunos da antiga escola, - Belas-Artes e Arquitetura serão sempre uma coisa só (Costa, 2005, p. 171).

Desse modo, observa-se que vinte e cinco anos depois da publicação de “Razões”, Costa se ressentia ao ver tanta arquitetura produzida com uma qualidade tão baixa. E retoma os argumentos de “Razões”, pois faz referência ao conhecimento proveniente do ensino acadêmico, nos quesitos relacionados aos princípios e leis imortais que concernem à arquitetura de vertente erudita. Ou seja, é o arranjo dos elementos de arquitetura e de composição, regido por um conjunto de regras convencionais que é denominado de composição, assim como os músicos, através de suas notas musicais arranjam diferentes músicas ao compô-las.

O que Costa está querendo afirmar é que para o arquiteto acontece da mesma maneira e que essa maneira de criar a arquitetura independe da época em que se concebe e das escolhas individuais de cada arquiteto, tais como sua intenção plástica e tecnologia utilizada. Portanto, Costa deixa claro que no aspecto do ensino acadêmico, no qual os arquitetos utilizam princípios e/ou regras compositivas advindos da análise da essência que conformam os paradigmas precedentes que marcaram a história da arquitetura que é um procedimento perene à profissão de arquiteto, válido para qualquer período histórico, seja no presente ou no futuro.

Porém, o que Costa vai refutar do ensino acadêmico é o uso do precedente como mera função decorativa dos vários estilos que os arquitetos acadêmicos eventualmente escolhiam como resultado estético de suas criações.

Costa apresenta indícios novamente que uma de suas razões da tradição está precisamente no fato de querer uma arquitetura que represente o seu tempo com os mesmos valores e princípios que geraram os grandes exemplos arquitetônicos que representaram outras épocas precedentes da arquitetura, com a finalidade de enriquecer o repertório cultural do arquiteto e, conseqüentemente, melhorar a sociedade com sua intervenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se observou no texto “Razões da nova arquitetura”, Costa parecia imbuído de uma missão: defender a nova arquitetura. Diante das inúmeras críticas negativas que dela se faziam, Costa, inteligentemente, faz o vínculo entre passado e presente, entre a tradição erudita, presente nos grandes exemplos das arquiteturas do passado, com os princípios e/ou leis compositivas inerentes à criação arquitetônica em geral, afirmando que, nesse sentido, a arquitetura moderna é rigorosamente tradicional, pois sua expressão formal mudou em consequência das novas tecnologias, mas sua maneira de concebê-la é idêntica à arquitetura dos antigos. Este conhecimento dos fundamentos da prática da arquitetura reside implicitamente no precedente, e sua aplicação depende da interpretação crítica e da intenção plástica de cada arquiteto.

Portanto, as razões que levam Costa a associar a nova arquitetura com a tradição disciplinar erudita advinda da tradição clássica, quando valoriza o precedente como fonte incessante de conhecimento, parece ser uma maneira de acalmar os ânimos, tornar a arquitetura moderna passível de ser aceita por ambas as posições antagônicas descritas por Costa.

Por conseguinte, as demais análises realizadas sobre os textos que seguem nesse artigo, reforçam, de um modo geral, esses indícios já vistos no texto “Razões”, vinculadas há possíveis influências de teorias evolucionistas. Foi possível verificar, também, a seguinte constatação que acabou se tornando mais uma possível razão: o sincero amor de Costa pela arquitetura enquanto ‘disciplina’, naquilo que Costa acredita representar uma arquitetura de excelência em qualquer período da história da arquitetura, independente do estilo, naquilo que concerne a ‘essência’ da arquitetura, a saber, suas leis e princípios perenes de composição aliados a uma intenção plástica que represente a técnica construtiva utilizada. E é precisamente nesse aspecto que se verifica uma fusão entre passado, presente e futuro no pensamento de Costa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, T. M. P. (2011). *Razões da tradição: o papel do precedente na concepção arquitetônica de Lucio Costa* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR).

Centro de Estudos de Teoria de Arquitetura. (1954). *Artigos e estudos de Lucio Costa*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Comas, C. E. D. (2002). *Precisões brasileiras: Sobre um passado da arquitetura e urbanismo modernos a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & cia., 1936-45* (Tese de doutorado). Université de Paris VIII.

Costa, L. (1995). *Lucio Costa: Registro de uma vivência* (2ª ed.). Empresa das Artes.

Costa, L. (2007). *Lucio Costa: Sobre arquitetura* (A. Xavier, Org.; 2ª ed., A. P. Cannez, Coord.). UniRitter Ed.

Costa, L. (1995). Razões da nova arquitetura (1934). In L. Costa, *Registro de uma vivência* (2ª ed., pp. 108-116). Empresa das Artes.

Costa, L. (1995). Interesse ao estudante (Década de ~1940). In L. Costa, *Registro de uma vivência* (2ª ed., pp. 117-118). Empresa das Artes.

Costa, L. (2007). Considerações sobre o ensino da arquitetura (1945). In L. Costa, *Sobre arquitetura* (A. Xavier, Org.; 2ª ed., A. P. Cannez, Coord., pp. 111-117). UniRitter Ed.

Costa, L. (1995). Muita construção, alguma arquitetura e um milagre (1951). In L. Costa, *Registro de uma vivência* (2ª ed., pp. 157-172). Empresa das Artes.

Guadet, J. (ca. 1909). *Éléments et théorie de l'architecture: Cours professé à l'École nationale et spéciale des beaux-arts* (4ª ed., Vols. 1-4, pp. 75-95). Librairie de la Construction Moderne.